



# Uma análise diacrônica das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais

*A diachronic analysis of the oblique second-person singular variants in personal letters*

Thaissa Frota Teixeira de Araujo Silva\*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Célia Regina dos Santos Lopes\*\*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma análise diacrônica das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular encontradas em cartas fluminenses. As formas oblíquas analisadas são sintagmas preposicionadas que apresentam como núcleo os pronomes tônicos *ti* e *você*, além da forma morfológica *contigo*, que não admitem substituição por clítico (“eu sonho *com você*” > \**eu te sonho*”). Levamos em conta os princípios da sociolinguística laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) e da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012) para análise de um *corpus* formado por cartas pessoais fluminenses produzidas entre fins do século XIX e no decorrer do século XX. Os resultados evidenciam que formas oblíquas do paradigma de *você* apresentam maior correlação com a forma utilizada na posição de sujeito do que as acusativas e dativas, passando a ser mais frequentes a partir de meados do século XX, principalmente, em cartas femininas escritas fora do núcleo familiar. Em termos estruturais, houve maior favorecimento das variantes de *você* com predicadores verbais e nominais em contextos de complementação.

**Palavras-chave:** Pronomes de segunda pessoa do singular. Formas de tratamento. Formas Oblíquas.

**Abstract:** This paper aims to analyze the oblique alternating forms of 2nd person singular diachronically in private letters from Rio de Janeiro. We assume the alternating oblique forms are prepositional phrases whose nucleus are the tonic pronouns *ti* and *você*, beyond the form *contigo*. The oblique forms of 2nd person singular do not allow substitution by clitic: “eu sonho *com você*” (I dream *with (about)* you > \**eu te sonho*” (\*I dream *you*). As theoretical-methodological apparatus, we combine the assumptions of labovian variationist sociolinguistics (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1994) with the historical sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012) to the analyses of a *corpus* consisted by private letters from the end of 19<sup>th</sup> century and during the 20<sup>th</sup> century at Rio de Janeiro. According to the results, the oblique forms from *você* paradigm have a stronger correlation with the form used in the subject position the accusative and dative forms, becoming more frequent from the mid-twentieth century, mainly in female letters written outside the nuclear familiar. In structural terms, there was more favoring of the *você* variants triggered by verbal and nominal predicators in complement context.

**Keywords:** 2nd person’s pronouns. Address forms. Oblique forms.

\* Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil: [thaissafrota@gmail.com](mailto:thaissafrota@gmail.com).

\*\* Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil: [celiar.s.lopes@letras.ufjf.br](mailto:celiar.s.lopes@letras.ufjf.br).

## 1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, realizamos uma análise das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular (doravante 2SG) identificadas em cartas escritas no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e o decorrer do século XX. Estamos considerando como oblíquas as formas obrigatoriamente preposicionadas que funcionam como complementos ou adjuntos de predicadores verbais e não verbais. No que se refere à segunda pessoa, o objetivo do estudo é contribuir para uma descrição mais ampla dos desdobramentos ocasionados pela entrada de *você* no quadro pronominal, por isso estamos pressupondo a existência de formas provenientes de dois paradigmas distintos. O primeiro deles é constituído pela combinação de uma preposição com o pronome tônico *ti* pertencente do paradigma de *tu* – o original e mais antigo (preposição + *ti e contigo*). O segundo paradigma corresponde às variantes inseridas posteriormente no quadro de segunda pessoa após o processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você*: preposição + *você*. Em (1) e (2), têm-se exemplos das variantes oblíquas de 2SG com predicadores verbais e, em (3) e (4), com predicadores não-verbais:

- (01) Eu lembro **de ti** / **de você**.
- (02) Eu tive um sonho **contigo** / **com você**.
- (03) A minha confiança **em ti** / **em você** é inabalável.
- (04) Como queria estar junto **de ti** / **de você**.

Como se trata de um fenômeno de mudança encaixada no sistema linguístico e social, a análise do processo de variação das formas oblíquas de 2SG estará articulada à discussão da implementação e difusão de *você* na posição de sujeito que tem sido objeto de estudo de diversos trabalhos. (cf. LOPES; DUARTE, 2003; MACHADO, 2006, 2011; RUMEU, 2008; SCHERRE *et al*, 2009; SOUZA, 2012; CARVALHO, 2019).

No estudo de Lopes e Cavalcante (2011), por exemplo, as autoras demonstraram que os complementos oblíquos de 2SG apresentaram uma maior correlação com a posição de sujeito do que os complementos acusativos e dativos. As análises de Souza (2014) e Oliveira (2014) em cartas pessoais fluminenses revelaram uma maior frequência do clítico *te*– do paradigma original de *tu*– seja acusativo (ACUS) ou dativo (DAT) mesmo nos contextos em que *você* ocupava a posição de sujeito, como em: **Você** sabe que eu **te** amo (ACUS)/**dou carinho** (DAT). Assim, partimos da hipótese geral de que a função oblíqua, como a função de sujeito, será uma porta de entrada para a forma *você* no sistema pronominal.

Dessa forma, pretendemos responder às seguintes questões: (i) como se manifesta a variação entre as formas do paradigma de *tu* e o paradigma de *você* na função de oblíquo em um *corpus* formado por cartas pessoais escritas no Rio de Janeiro entre fins do século XIX e o século XX?; (ii) quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam nesse fenômeno ao longo da diacronia considerada?; (iii) há semelhanças entre a implementação de *você* na função de sujeito e das formas do paradigma de *você* na função oblíqua, como os estudos citados demonstraram?

Para tanto, estamos nos baseando nos princípios básicos da sociolinguística variacionista laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) e da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012). Além disso, realizamos uma análise quantitativa multivariada, discutindo o peso estatístico dos grupos de fatores selecionados pelo Programa *Goldvarb-X* (SANKOFF et al, 2005). A análise apresentada no presente estudo está calcada nos resultados globais com base na rodada geral com todos os dados coletados na amostra de cartas.

O artigo encontra-se organizado da seguinte maneira. Na seção 1, tem-se uma introdução em que se apresenta o objetivo principal da análise e as questões norteadoras do estudo. Na seção 2, definimos o objeto de estudo, melhor dizendo, o que está sendo considerado como formas oblíquas de 2SG. Na seção 3, discorremos sobre os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentaram a análise e descrevemos brevemente o *corpus*. Na seção 4, discutimos os principais resultados obtidos das variantes oblíquas de 2SG com base na análise estatística feita a partir do programa de regras variáveis *Goldvarb-X*. Na seção 5, reunimos como considerações finais as principais contribuições do presente trabalho.

## 2 DESCREVENDO O OBJETO DE ESTUDO: AS FORMAS OBLÍQUAS DE 2SG

Como já mencionado, assumimos como segunda pessoa as formas advindas de dois paradigmas: o de *tu* e o de *você*. Tal perspectiva leva em conta que, com a inserção de *você* no quadro pronominal de segunda pessoa, as formas oblíquas do paradigma de *tu* – preposição + *ti* e *contigo* – entraram em variação com formas advindas do paradigma de *você* – preposição + *você*. Compreendemos, então, que as formas relacionadas a *tu* correspondem ao paradigma mais antigo com origem no latim clássico. A forma *ti* com origem no dativo *tibi* reúne usos que pertenciam ao ablativo e ao genitivo latinos<sup>1</sup>, enquanto o pronome *contigo*, advindo de uma forma que já era preposicionada no latim, é reflexo de uma forma ablativa. De acordo com Câmara Jr (1979), a aglutinação do ablativo *te* e a preposição *cum* formava *tecum* que sofreu desgastes fonéticos, resultando em *tigo*. O valor da preposição *com* deixou de ser transparente em *-(ti)go*, levando a uma nova aglutinação da preposição *com* à forma reduzida *tigo*, formando *contigo*.

Embora a visão tradicional estabeleça uma distinção entre *pronomes pessoais do caso reto* e *pronomes pessoais do caso oblíquo* (cf. CUNHA; CINTRA, [1985] 2001); ROCHA LIMA, [1972] 2006), no presente trabalho, estamos considerando como oblíquos os *complementos de preposição* (*mim/comigo, ti/contigo, ele/si/consigo...*), adotando a proposta de Raposo et al (2013, p. 897-902). As variantes analisadas seriam assim os constituintes obrigatoriamente

<sup>1</sup> Duarte (2013) afirma que o termo *oblíquo*, adotado por Mateus et al (2003), “reúne elementos não nominativos (sujeito), não acusativos (objeto direto), não dativos (objeto, indireto)” que na tradição latina seriam correspondentes aos casos genitivo e ablativo (DUARTE, 2013, p. 202). Uma discussão mais aprofundada a respeito da relação entre os sistemas pronominais do português e do latim foi realizada em Silva (2020).

preposicionados, não dativos, que podem estar ligados a predicadores verbais e não-verbais. As variantes oblíquas podem ser selecionadas, ou não, pelos termos a que se referem, mas não admitem substituição pelo clítico *lhe* (Eu sonho *contigo/com você* > \*Eu *lhe* sonho). Além disso, podem ocorrer:

- (05) como complementos de verbos
- Me lembrei muito da minha casa **de ti** (1980 – Acervo F.B.)
  - Eu hoje tive uma viagem muito triste só pensando **em você** (1937 – Acervo J. e M.)
- (06) como adjuntos de verbos
- morro **por ti**. tu é e a minha vida (1908, Acervo R.S.)
  - escrevi para ela vir **com você** (1936, Acervo J. e M.)
- (07) como complementos de verbos suporte
- Minha flor esta noite tive um sonho tão lindo **contigo** (1937 – Acervo J. e M.)
  - Eu tive um sonho **com você** e tua mãe (1936 – Acervo J. e M.)
- (08) como complementos de nomes
- tenho ainda o coração cheio de lembranças **de ti** (1877, Acervo P.F.M)
  - Minha flor, mas eu sofro igual **a você** somente por te amar
- (09) como adjuntos de nomes
- mamãe **sem ti** é outra (1915, Acervo O.C.)
  - que os teus pais estejam mais calmos **com você** (1937 – Acervo J. e M.)
- (10) como complementos de advérbios
- meu pensamento que muitas vezes me deixa voa para junto **de ti** (1878 – Acervo P.F.M)
  - lembrando-me do domingo a noite que eu estava junto **de você** (1936 – Acervo J. e M.)

Antes de descrevermos os resultados, apresentamos, na próxima seção, os pressupostos teóricos que embasaram a nossa análise e a metodologia aplicada para o estudo das formas oblíquas de 2SG em um *corpus* formado por cartas pessoais.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para fundamentar a nossa análise, adotamos os preceitos da Sociolinguística Histórica (HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012). Tal perspectiva considera os princípios elementares da Sociolinguística de base laboviana (WEINREICH, HERZOG e LABOV, 1968), pois também reconhece que: o sistema linguístico não é homogêneo, mas heterogeneamente ordenado; as línguas apresentam processos de variação condicionados por fatores estruturais e sociais; a variação pressupõe formas linguísticas ou variantes em competição que podem permanecer estáveis ou mudar

quando uma das variantes suplantar a outra; a análise do fenômeno variável para atestar a ação das variáveis linguísticas e extralinguísticas dá-se a partir de dados reais de uso. Entretanto, como o intuito é realizar uma reconstrução do passado, calcada em textos escritos que sobreviveram ao tempo, a sociolinguística histórica adota um realinhamento teórico-metodológico próprio (cf. ROMAINE, 1982; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012), partindo da premissa de que:

O estudo sociolinguístico de formas linguísticas históricas depende de registros linguísticos de períodos anteriores – muitos sendo incompletos ou não representativos de certa maneira [de uma determinada época] – assim como do conhecimento e compreensão de situações socioculturais passadas que podem ser reconstruídas, mas não diretamente observadas ou experienciadas pelo pesquisador. HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING (2012, p.63, *tradução nossa*)

Apesar das dificuldades impostas pelo estudo de registros linguísticos do passado, explorar tais fontes tem se mostrado como uma forma extremamente produtiva para reconstrução linguística de fases pretéritas. Tendo em vista os problemas fundamentais da teoria, estamos considerando que as formas oblíquas de 2SG constituem um fenômeno variável, sendo a escolha por variantes do paradigma de *tu* e de *você* não-aleatória e condicionada por fatores linguísticos e sociais. Assim, pretendemos, nesse estudo: (i) compreender os contextos de variação das formas oblíquas de 2SG; (ii) identificar diferentes etapas do processo de variação e mudança do fenômeno em análise; e (iii) apreender as repercussões da inserção de *você* no quadro pronominal na função oblíqua.

Como a realização das formas pronominais de 2SG demanda a existência de interlocução, precisamos recorrer a textos escritos que possibilitem a interação entre duas pessoas do discurso. Optamos, então, por um *corpus* constituído por cartas, uma vez que se trata de um gênero pessoal que pressupõe a existência de remetente – 1ª pessoa do discurso – e destinatário – 2ª pessoa do discurso.

As cartas, principalmente as pessoais, são um exemplo de gênero textual em que as marcas da oralidade podem ser afloradas devido ao diálogo, a intimidade e o conhecimento mútuo entre os interlocutores<sup>2</sup>. Destacamos ainda que as “cartas privadas e diários escritos por escritores semiletrados parecem ter alto potencial para render fontes autênticas da oralidade histórica” (ELPASS, 2012, p.159).

Estudos anteriores feitos com base em cartas oitocentistas e novecentistas escritas no Rio de Janeiro avançaram na descrição e análise da variação *tu* e *você* na posição de sujeito (cf. RUMEU, 2008; SOUZA, 2012); das formas acusativas (cf. SOUZA, 2014); dativas (cf. OLIVEIRA, 2014) e genitivas (possessivas) (cf. PEREIRA, 2016). Falta-nos ainda um estudo delimitado para as formas oblíquas em um *corpus* que compreenda um período mais dilatado no tempo. Sendo assim, no presente trabalho, analisamos um *corpus* constituído por cartas pessoais de remetentes nascidos e/ou residentes do estado do Rio Janeiro. As cartas são oriundas de diferentes acervos e pertencentes, em sua maioria, a

<sup>2</sup>Consideramos em tal afirmação o modelo de Koch & Oesterreicher (2013, [1985]), que coloca nova luz ao embate *fala x escrita* ao apresentar os conceitos de *meio de linguagem* e *concepção de linguagem*.

personalidades ilustres da sociedade carioca de fins do século XIX e decorrer do século XX<sup>3</sup>.

Na tabela a seguir, indicamos os 13 acervos/famílias utilizados para a construção do *corpus* de análise e total de documentos estudados, que datam de 1857 a 1994.

Acervo <sup>4</sup>	Número de documentos
Acervo C.A. (1857 – 1859)	11
Acervo Cup. (1873 – 1895)	23
Acervo P.F.M. (1876 – 1947)	170
Acervo Ot. (1879 – 1889)	37
Acervo R.B. (1886 – 1907)	29
Acervo O.C. (1889 – 1915)	29
Acervo A.P. (1896 – 1926)	30
Acervo L.A. (1907 – 1917)	40
Acervo R. S. (1908)	12
Acervo Br. (1933 – 1972)	47
Acervo J. e M. (1936 – 1937)	93
Acervo F.B. (1956 – 1994)	115
Acervo Lac. (1978 – 1979)	80
<b>Total</b>	<b>716</b>

**Quadro 1** *Corpus analisado*

Destacamos, no entanto, que a natureza do *corpus* impõe alguns problemas previstos pela Sociolinguística Histórica (HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012), como (i) a dificuldade de manter um equilíbrio em relação ao controle social dos informantes; (ii) a maior frequência de missivistas ilustres e (iii) o fato de o material ser escrito e, por isso, mais conservador, não refletindo diretamente as formas vernaculares dos informantes que o produziram.

<sup>3</sup>Parte do material está disponível no site <http://www.histling.letas.ufrj.br>.

<sup>4</sup> Fazemos referência a cada acervo através de abreviaturas para preservar a identidade dos informantes.

A sobrevivência desses textos não é programada e pode ser atribuída ao acaso. Dessa forma, é possível que para um determinado período de tempo esteja disponível, por exemplo, um maior número de cartas trocadas entre casais do que em outros. Dessa forma, os resultados devem ser analisados tendo a vista as possíveis influências exercidas pela natureza do *corpus* e a sua análise qualitativa procurará resolver tais impasses.

Com relação ao maior número de informantes ilustres, é preciso considerar que entre personalidades reconhecidas socialmente é mais provável a conservação de quaisquer materiais produzidos por estas e mais fácil acesso a eles em acervos públicos institucionais. Para informantes não ilustres, a sobrevivência fica mais limitada a acervos domésticos, e as pessoas que possuem materiais como estes guardados por questões afetivas, na maioria das vezes, nem imaginam que pode se tratar de fonte importante para tantos estudos linguísticos. De qualquer forma, há no *corpus* quatro acervos provenientes de informantes não ilustres e o restante pertence a pessoas de classes mais abastadas.

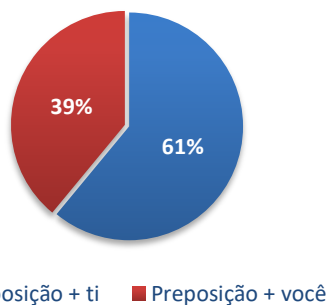
Além disso, apesar de a oralidade aflorar em cartas pessoais mais do que em outros documentos, não se podem desprezar aspectos tradicionais do gênero que interferem nos resultados. A existência das construções formulaicas e a própria estrutura composicional da carta (KABATEK, 2006) com seções fixas (local, data, saudação, captação da benevolência, núcleo, despedida, assinatura) precisam ser consideradas em uma perspectiva mais qualitativa dos dados.

Na seção a seguir, são descritos os resultados gerais obtidos. Indicamos as variáveis linguísticas e sociais controladas no estudo e analisamos os contextos apontados pelo Programa estatístico de regras variáveis GOLDVARB-X (SANKOFF et al, 2005) como favorecedores das variantes oblíquas estudadas.

#### 4 ANÁLISE DE RESULTADOS E GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS

Em termos dos resultados globais, foram levantadas 361 ocorrências de variantes oblíquas de 2SG nas 716 missivas analisadas. Como podemos observar, no gráfico a seguir, as formas do paradigma de *tu* (preposição + *ti*) foram as mais frequentes na amostra com um total de 220 ocorrências (61%) contra 141 ocorrências de preposição + *você* (39%):

### Distribuição das formas oblíquas de 2SG em cartas brasileiras - séculos XIX e XX



**Gráfico 1** Distribuição das formas oblíquas de 2SG em cartas brasileiras

Para a realização de uma análise estatística binária, submetemos os dados levantados ao programa *GOLDFARB-X* e consideramos como variantes oblíquas de 2SG as formas pertencentes ao paradigma de *tu* (preposição + *ti* e *contigo*), opondo-as às formas do paradigma de *você* (preposição + *você*)

Os dados foram codificados tendo em vista oito variáveis independentes de natureza linguística e extralinguística. Para o primeiro caso, controlamos quatro grupos de fatores: (i) a preposição utilizada para introduzir o sintagma (*a, para, de, com, em, por, sob, sobre*, etc) (ii) o tipo de núcleo ao qual as formas oblíquas estavam relacionadas – nominal, verbal, adverbial e de verbos suporte –; (iii) o tipo de relação entre as formas oblíquas de 2SG e o seu núcleo – adjunção, complementação ou estrutura predicativa –; e (iv) a forma pronominal utilizada na posição de sujeito em cada carta analisada (somente *você*, somente *tu* ou *você/tu*). Como extralinguísticos e/ou sociais, foram observados mais quatro grupos de fatores: (v) o sexo do missivista; (vi) o período de tempo em que a carta foi produzida, ou seja, a década em que ela foi escrita; (vii) a relação de parentesco entre os missivistas; e (viii) o teor da carta – familiar, amoroso ou pessoal.

Em uma rodada geral feita com todos os dados, foram selecionados pelo programa estatístico como relevantes para a análise do fenômeno variável seis grupos de fatores na seguinte ordem: (i) a forma pronominal utilizada na posição de sujeito; (ii) o período em que a carta foi produzida; (iii) a relação de parentesco entre os missivistas; (iv) o sexo dos missivistas; (v) o tipo de núcleo; e (vi) o tipo de relação. A leitura dos resultados leva em conta, como valor de aplicação, as formas oblíquas pertencentes ao paradigma de *você* (preposição + *você*) que estamos assumindo como inovador.

Para que se tenha maior clareza dos resultados obtidos, optamos por apresentá-los separando os fatores linguísticos dos fatores extralinguísticos. Iniciamos a análise pelos

fatores linguísticos selecionados (de 4.1 a 4.3) e, na sequência, (de 4.4 a 4.6), descreveremos os fatores sociais favorecedores da variante oblíqua *preposição + você*.

#### 4.1 A FORMA PRONOMINAL UTILIZADA NA POSIÇÃO DE SUJEITO

Desde Lopes e Cavalcante (2011), os estudos sobre as mudanças no sistema pronominal do português brasileiro têm proposto a existência de, pelo menos, três subsistemas na posição de sujeito: (i) uso exclusivo de *tu*; (ii) uso exclusivo de *você*; e (iii) alternância entre *tu* e *você*. No primeiro subsistema, o remetente empregaria, no decorrer de toda carta, apenas *tu* como sujeito pronominal. Quando todos os sujeitos pronominais da carta são *você*, a missiva era atribuída ao segundo subsistema. Se houvesse tanto o uso de *tu* quanto de *você*, ao terceiro subsistema. Por fim, em casos em que nenhum pronome de 2SG fosse utilizado como sujeito pronominal a classificação adotada seria “sem referência”.

A hipótese formulada para esse grupo de fatores é a de que as formas oblíquas de 2SG apresentariam forte correlação com o tratamento empregado na posição de sujeito, como demonstraram estudos anteriores (LOPES; CAVALCANTE, 2011; LOPES *et al*, 2018). Assim, esperamos que as formas de *preposição+você* sejam favorecidas em contextos que apresentem *você* como sujeito pronominal, tanto em cartas exclusivas de *você* quanto em cartas com variação entre *você* e *tu*. Do mesmo modo, as variantes constituídas de *preposição + tu* ocorreriam com sujeito *tu*, principalmente nas cartas mais antigas do século XIX. Na tabela 1, apresentamos os resultados referentes aos subsistemas de tratamento na posição de sujeito:

Sujeito da carta	N/T	%	P.R.
Exclusivo <i>tu</i>	15/160	9%	.221
Exclusivo <i>você</i>	71/90	79%	.886
<i>Tu ~ você</i>	49/98	50%	.564
Sem referência	6/14	43%	.370

**Tabela 1** Forma pronominal utilizada na posição de sujeito  
(valor de aplicação formas de *preposição +você*)

A hipótese postulada foi confirmada pelos resultados. Em cartas de uso exclusivo de *você* sujeito, as formas de *preposição +você* alcançaram 79% de frequência e um alto peso relativo (.886). Por outro lado, em contexto de *tu exclusivo*, as formas oblíquas do paradigma de *você* apresentaram apenas 9% de frequência e um peso relativo baixo (.221). Em missivas com alternância *tu* e *você*, o comportamento das variantes oblíquas dos dois paradigmas se mostrou mais equilibrado, com 50% de frequência e peso de .564. Por fim, em cartas sem sujeito pronominal definido, as estruturas de *preposição + você* também foram desfavorecidas (.370).

De (11) a (14) apresentamos alguns dados de formas oblíquas de 2SG relacionadas a diferentes sujeitos pronominais de 2SG:

- (11) (...) preferia ser condenado aos serviços mais rudes que existe a estar longe **de ti**, longe **de ti** minha bela, (...), porque *estas* tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração (...). Eu soube que *tu vinhas* do dia 4 de Setembro. *pediste* que tua mãe *foste* te buscar. (Acervo J. e M., 1936)
- (12) Tenho pensado **em voce** de todas as formas, eu disse todas. A proposito se *voce* vier a mandar uma foto avise antes pois a cidade não está preparada para um dilúvio.” (Acervo Lac., 1978)
- (13) *Tu* não debes pensar em bobagens, *você* sabe que eu gosto **de você** (Acervo J. e M., 1937)
- (14) A dor passou **graças a ti**, |meu coração| manda-me o cabelo sim não mandei o cabelo da tua coisinha por que é muito feio. |Da tua e sempre tua Chininha (1908 – Acervo R.S.)

Em (11), as formas oblíquas do paradigma de *tu* estão relacionadas ao uso de sujeito *tu* (pleno e nulo) que é o único tratamento que ocorre na posição de sujeito. Em (12), o sintagma *em voce* aparece em uma carta com uso exclusivo de *você* na posição de sujeito, enquanto em (13) *de você* é utilizado em uma carta com alternância entre *tu* e *você* como sujeito pronominal.

Os resultados confirmam, então, que há uma forte correlação entre o uso de *você* como sujeito pronominal e as formas preposicionadas com *você* em função oblíqua, diferenciando-se do que vem sido observado para as funções acusativas e dativas (cf. SOUZA, 2014 e OLIVEIRA, 2014). Nesses casos mais gramaticalizados<sup>5</sup>, os autores mostram que o clítico *te*, pertencente ao paradigma de *tu*, era (e continua sendo) utilizado com alta produtividade independentemente das formas pronominais utilizadas na posição de sujeito. Os complementos oblíquos são estruturas mais complexas e menos gramaticalizadas, pois, além de poderem funcionar como complementos, podem funcionar como adjuntos que se ligam a diferentes núcleos predicadores e admitem um número bastante variado de preposições. Na sequência, apresentaremos outros contextos estruturais que se mostraram favorecedores das variantes oblíquas formadas de *preposição* + *você*, o que também poderá nos ajudar a compreender porque os oblíquos de 2ª pessoa têm um comportamento diferente das funções acusativas e dativas na correlação com a nova forma *você* na posição de sujeito.

<sup>5</sup>Como argumentam Lopes, Souza e Oliveira (2013, p. 393), a alta frequência de uso do clítico *te* pode ter, entre outros fatores, freado a entrada de *você* nas funções acusativas/dativas. A posição proclítica de adjacência ao verbo, o caráter eminentemente dêitico e o fato de o acusativo e o dativo de 2ª pessoa apresentarem o mesmo *output* fonético no acusativo (eu *te* vi) e no dativo (eu *te* dei Ø) podem também ter favorecido a automação da sequência estrutural (*te*-Verbo), bloqueando o espriamento de *você* nessas funções (para o aprofundamento da questão ver ainda Oliveira, 2018).

## 4.2 O TIPO DE NÚCLEO

As formas oblíquas de 2SG são constituintes obrigatoriamente preposicionados que podem estar ligados a núcleos predicadores verbais (*penso em ti/você*) e não-verbais (*pensamento em ti/você; junto de ti/você*). Entre os núcleos verbais, optamos por separar os verbos plenos (*sonho contigo/com você*) dos verbos suporte (*tive um sonho contigo/com você*). No segundo caso, verbos como *ter* e *fazer* sofreriam um processo de esvaziamento lexical deslocando o centro semântico da frase para a estrutura nominal (MATEUS *et al.*, 2003, p. 312).

Entre os núcleos não-verbais, separamos os núcleos nominais (nomes, adjetivos e pronomes) dos núcleos adverbiais que seriam mais raros. Para o primeiro grupo, os exemplos seriam, respectivamente: “*lembranças de ti/você*”; “*está queixosa contigo/com você*”; “*eu sem ti/você*”. Em construções como “*junto de ti/você*” e “*perto de ti/você*”, assumimos, em consonância com Raposo *et al.* (2013), que os advérbios *junto* e *longe* selecionam complementos preposicionados.

Os resultados preliminares de Rumeu (2014) e de Rumeu e Oliveira (2016), que nos serviram de hipótese inicial, indicam que, com predicadores verbais, as formas do paradigma de *você* seriam favorecidas.

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados do grupo *núcleo sintático* que foi o quinto grupo selecionado pelo programa estatístico:

Núcleo	N/T	%	P.R.
<b>Verbal</b>	92/238	39%	.507
<b>Verbo suporte</b>	3/9	33%	.277
<b>Nominal</b>	43/81	54%	.769
<b>Adverbial</b>	1/31	3%	.040

**Tabela 2** Tipo de núcleo (Valor de aplicação formas de *preposição + você*)

Na tabela, verificamos que os fatores considerados mais relevantes para a análise das formas oblíquas de 2SG foram, nessa ordem, o *núcleo nominal* com peso relativo de .769 e o *verbal* com .507. Os verbos suporte e os núcleos adverbiais não demonstraram favorecimento para as estratégias de *preposição + você*, pois os pesos relativos ficaram abaixo de .500: .277 e .040, respectivamente. Assim, os resultados confirmam parcialmente a hipótese postulada, pois o núcleo verbal teve o segundo peso relativo mais alto.

Para melhor compreensão desses resultados, analisamos qualitativamente os dados dos *núcleos nominais* e observamos a repetição de estruturas comuns à despedida das cartas relacionados às formas oblíquas do paradigma de *você*, o que pode ter levado a um maior favorecimento da forma inovadora com esse tipo de núcleo predicador. Identificamos a forte presença de núcleos nominais formados a partir da construção “beijos/abraços

para...” e outras construções semelhantes (13 das 43 ocorrências). Nota-se que o resultado pode ter sido influenciado por propriedades do gênero textual “carta pessoal”:

- (15) beijos da H. **para você** (1936 – Acervo J. e M.)
- (16) E **para você** um eternecido beijo (1936 – Acervo J. e M.)
- (17) Um beijão **para você** (1978 – Acervo Lac.)
- (18) Outro beijo **para você** (1978 – Acervo Lac.)
- (19) **Pra você**, ânimo, paciência e muitos beijos do esposo (1980 – Acervo F.B.)
- (20) **Para** Y. e **você** um grande abraço de M. (1972 – Acervo Br.)
- (21) **A você** grande abraço da prima amiga (1933 – Acervo Br.)

A presença de estruturas fixas ou formulaicas não fica limitada à seção de despedida das cartas, uma vez que encontramos outros casos de *núcleos nominais* em construções quase idênticas que se repetem bastante, em particular, no subgênero carta de amor:

- (22) o mundo para mim **sem você** não e mundo. (1937 – Acervo J. e M.)
- (23) o mundo para mim nada vale **sem você** (1936 – Acervo J. e M.)
- (24) que os teus pais estejam mais calmos **com você** (1937 – Acervo J. e M.)
- (25) tu não deves vir na minha casa tão cedo até os teus pais ficarem calmos **com você** (1937 – Acervo J. e M.)
- (26) que os teus pais estejam mais calmos **com você** (1937 – Acervo J. e M.)

Com relação aos poucos dados de verbos suporte (9 ocorrências no total), destacamos que, em quase todos os casos, houve a seleção de um complemento regido pela preposição *com* e a maior parte das ocorrências era formada por estruturas fixas que são típicas, principalmente, em cartas de amor (*ter um sonho contigo*).

Observamos ainda que tanto as construções com verbo suporte (*ter um sonho*) quanto as com núcleos adverbiais – através de da repetição das formas *longe/junto/perto de ti* – foram favorecidas na variante *preposição+ti*, principalmente, em cartas de teor amoroso produzidas antes da metade do século XX.

Os resultados para o fator condicionante *tipo de núcleo* revelaram, em certa medida, a influência de propriedades gênero carta para a análise do fenômeno variável, uma vez que um número expressivo de ocorrências foi localizada em estruturas fixas e formulaicas, principalmente, nas despedidas das cartas. De qualquer forma, foi possível identificar favorecimento das formas de *você* preposicionado relacionado a dois núcleos predominantes: nominais e verbais. Estudos linguísticos realizados através de outras metodologias podem permitir uma nova luz a respeito dessa variável independente.

#### 4.3A NATUREZA DA RELAÇÃO SINTÁTICA: COMPLEMENTAÇÃO E ADJUNÇÃO

Além do tipo de núcleo (verbal e não-verbal), a natureza da relação sintática também foi um dos grupos de fatores selecionado pelo programa estatístico. Na análise dos dados, levaram-se em conta os diferentes níveis de vinculação entre o sintagma preposicional e o seu predicador.

Quando as formas oblíquas de 2SG funcionavam como argumentos selecionados obrigatoriamente por predicadores verbais e não-verbais, classificamos como estruturas de *complementação*, como em (27) e (28). Se os sintagmas preposicionados não fossem selecionados pelos predicadores, mas apenas estivessem relacionados a eles como constituintes “não essenciais para completar o sentido do predicador”, classificamos como estruturas de *adjunção*, como em (29) (cf. MATEUS *et al.* 2003, RAPOSO *et al.* 2013). Nos casos de as estratégias de 2SG ocorrerem em construções com verbos copulativos, funcionando sintaticamente como um predicativo do sujeito, classificamos como *estruturas predicativas*, como em (30):

- (27) elle lembra-se muito **de você** (1920, Acervo P.F.M.)  
 (28) A minha confiança **em ti** sempre cresce.  
 (29) morro por ti. Tu é e a minha vida (1908 – Acervo R.S.)  
 (30) Os retratos já devem estar **com você** (1936 – Acervo J. e M.)

Tendo em vista que as estruturas em contexto de *adjunção* apresentam uma característica circunstancial; introduzem valores múltiplos como tempo, espaço, modo, finalidade, entre outros; e não se apresentam como contextos propícios para traço *humano*, acreditamos que as estruturas de *complementação* (e não de *adjunção*) seriam mais favoráveis à implementação da forma inovadora (*você*). Dessa forma, nossa hipótese vai ao encontro dos resultados de Rumeu e Oliveira (2016) que revelaram os *oblíquos complementos* como favorecedores das formas do paradigma de *você*.

Apresentamos, na tabela a seguir, os resultados do tipo de relação estabelecida entre sintagma preposicional e núcleo predicador:

Relação	N/T	%	P.R.
Complementação	70/164	37%	.691
Adjunção	67/180	43%	.346
Estrutura predicativa	4/17	24%	.268

**Tabela 3** Tipo de relação (Valor de aplicação formas de preposição + *você*)

As formas do paradigma inovador ficaram abaixo dos 50% em todos os contextos. No entanto, a análise do peso relativo confirma o que foi postulado: as estratégias de *preposição+você* foram favorecidas em estruturas de *complementação* com (.691). Na análise qualitativa dos dados, verificamos que a maior parte desses dados de relação de *complementação* ocorreram com núcleos verbais (60 ocorrências das 70 indicadas na tabela).

Correlacionando os resultados dos dois grupos de fatores selecionados, podemos conjecturar que oblíquos *complementos de verbo* se apresentam como uma porta de entrada para as formas de *você*.

Com relação às estruturas predicativas, contexto que desfavorece o emprego de preposição + *você* (.268), observamos uma repetição de construções envolvendo a forma morfologizada *contigo*, listadas a seguir:

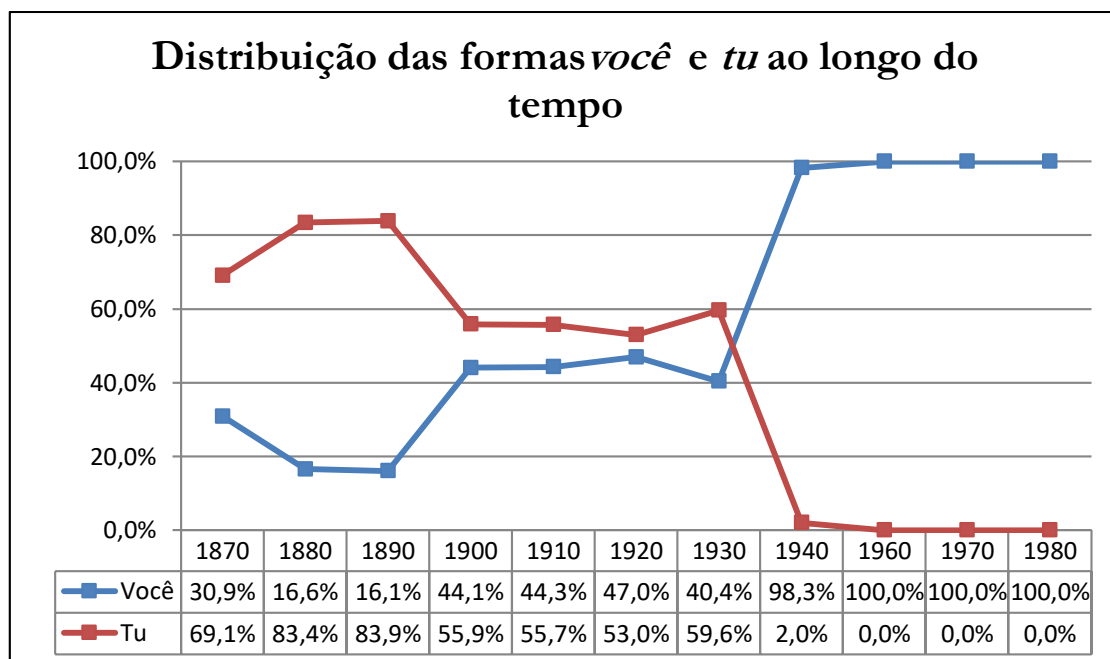
- (31) Ancio muitas vezes por estar **com tigo** (1879 – Acervo P.F.M)
- (32) Estarei **contigo** no pensamento e no coração todo o dia (1907 – Acervo A.P.)
- (33) Verdadeiramente que esta tua visita foi do céu que bem me fez estar **contigo** (1948 – Acervo P.F.M.)
- (34) Breve estarei **contigo** o tempo passa em sopro (1980 – Acervo F.B.)

Consideramos que as formas oblíquas de *você* são, portanto, favorecidas em contextos de *complementação* e que a preferência pelo paradigma de *tu* em estruturas predicativas pode estar relacionada ao emprego recorrente da forma *contigo* encontrado no *corpus*.

Na sequência, estão os resultados relativos aos grupos de fatores extralinguísticos (tempo, relação de parentesco e gênero/sexo do missivista) selecionados pelo programa estatístico como relevantes para a explicação do fenômeno variável.

#### 4.4 O PERÍODO TEMPORAL

Para a análise do fator diacrônico, as ocorrências foram codificadas de acordo com a década em que a missiva estava datada. A nossa hipótese era a de que a distribuição das variantes oblíquas de 2SG iria refletir as três etapas postuladas no estudo de Souza (2012) para a posição de sujeito, como mostra o gráfico da autora a seguir:



**Gráfico 2** Distribuição das formas *você* e *tu* ao longo do tempo - extraído de Souza (2012)

Baseado nos resultados apresentados no gráfico da variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito, Souza (2012) postula que a implementação da forma *você* como sujeito referente à 2SG ocorreu em três períodos:

- Período I (1870-1890): *tu* é mais frequente que *você*;
- Período II (1900-1930): *tu* e *você* apresentam frequências mais aproximadas;
- Período III (1940-1970): *você* torna-se a estratégia preferida.

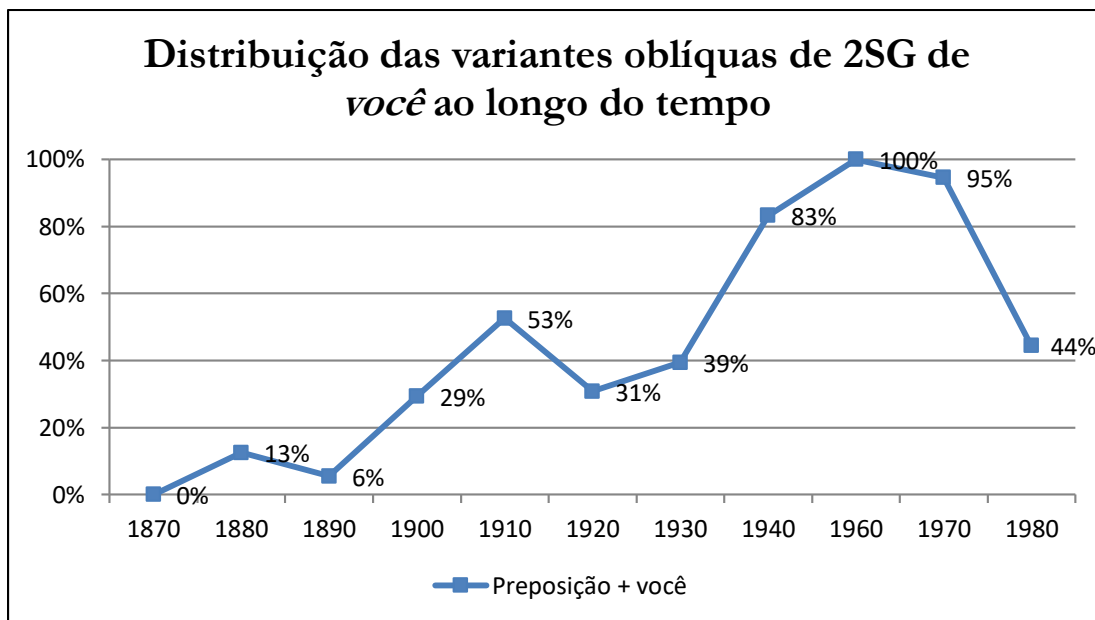
Embora a amostra de cartas não tenha sido exatamente a mesma, o controle cronológico tinha como intuito verificar se as formas oblíquas do paradigma inovador (preposição + *você*) acompanharam a difusão de *você* na posição de sujeito, como mostramos em 4.1. Como pode ser visto na tabela a seguir, os nossos resultados reiteram certa correlação entre os dois fenômenos:

Décadas	N/T	%	P.R.
1870 – 1889	1/19	5%	.000
1890 – 1899	3/55	5%	.004
1900 – 1909	5/17	30%	.334
1910 – 1919	10/19	53%	.889
1920 – 1929	12/39	31%	.883

<b>1930 – 1939</b>	61/155	40%	.845
<b>1940 – 1959</b>	5/6	83%	.977
<b>1960 – 1979</b>	40/42	95%	.858
<b>1980 – 1989</b>	4/9	44%	.569

**Tabela 4** Distribuição ao longo do tempo (valor de aplicação formas de preposição+*você*)

Um dos aspectos que chama à atenção nos resultados quantitativos, em um primeiro momento, é o desequilíbrio dos dados por década controlada pela falta de homogeneidade da amostra, o que não é tão inusitado quando se realizam estudos para a reconstrução linguística do passado. De qualquer forma, percebemos, em um segundo momento, a partir da análise das frequências de uso e dos pesos relativos, uma clara difusão das variantes oblíquas do paradigma de *você* ao longo dos 100 anos de produção escrita. As frequências brutas nos permitem observar que, nas décadas iniciais, os percentuais referentes às formas oblíquas do paradigma de *você* são baixos. Em um segundo momento, essa frequência aumenta, indicando um maior equilíbrio entre as estratégias oblíquas dos dois paradigmas. A partir de 1940, os percentuais sinalizam que as formas de *você* passam a ser as estratégias mais utilizadas para a representação de oblíquo de 2SG. Na década de 1980, a frequência cai para 44%, um comportamento que, aparentemente destoa do que foi observado nas décadas anteriores. A distribuição das frequências no gráfico a seguir são bastante relevadoras desse movimento de implementação das formas de *você* na amostra:



**Gráfico 3** Distribuição das variantes oblíquas de 2SG de *você* ao longo do tempo

Os pesos relativos reiteram, de certa forma, o processo de difusão das variantes oblíquas de *você* a partir das décadas de 1910-1919 em diante. Nessa década, o peso foi de .889 com ligeiros altos e baixos ao longo das décadas do século XX. Destaca-se que a década de 1940-1959 apresenta o maior peso relativo (.977), apesar de o número de dados ser bastante baixo. Desse modo, nossos resultados dialogam com o que fora observado por Souza (2012) para a posição de sujeito: uma etapa mais antiga, correspondendo ao fim do século XIX, em que havia predomínio das formas do paradigma de *tu*; uma etapa de estabilidade entre as formas dos dois paradigmas que se inicia no alvorecer do século XX e uma fase de mudança que começa a partir dos anos de 1940 com o espraio das formas de *você*.

Em termos qualitativos, ressaltamos que nem todas as variantes apresentam uma distribuição equilibrada. As formas do paradigma de *tu* que se mantiveram e afluíram na amostra de cartas, a partir de 1940, correspondem mais frequentemente à forma *contigo*, como podemos observar nos exemplos a seguir:

- (35) Verdadeiramente que esta tua visita foi do céu que bem me fez estar *contigo* (1948 – Acervo P.F.M.)
- (36) Pergunte se a Babita não pode ir *contigo* (1977 – Acervo F.B.)
- (37) A Elzinha falará também *contigo* no telefone (1977 – Acervo F.B.)
- (38) Breve estarei *contigo* o tempo passa em sopro (1980 – Acervo F.B.)
- (39) Me lembrei muito da minha casa *de ti* (1980 – Acervo F.B.)
- (40) e falei *contigo* (1980 – Acervo F.B.)

(41) pena que possa estar aí perto **de ti** (1980 – Acervo F.B.)

(42) o Ataufo vai pegar **contigo** (1980 – Acervo F.B.)

#### 4.5 A RELAÇÃO DE PARENTESCO ENTRE OS MISSIVISTAS

Outro grupo de fatores extralinguístico selecionado pelo programa estatístico foi a relação de parentesco entre os missivistas. O estudo de Souza (2012) demonstrou que *você* sujeito foi favorecido em contextos de família ampliada, ou seja, nas relações de parentesco que vão além da família nuclear (pai, mãe, irmãos e filhos) e nas relações entre amigos. O pronome *tu* sujeito conservava os traços de intimidade originais, ocorrendo entre iguais e entre membros do núcleo familiar nos contextos de maior proximidade, principalmente, nas cartas de amor trocadas entre casais, noivos, etc. Dessa forma, considerando, como demonstrado até agora, a maior correlação entre a posição de sujeito e as formas oblíquas, formulamos como hipótese que, em missivas trocadas entre amigos e nas cartas de parentes fora da família nuclear, haverá maior favorecimento das variantes oblíquas *preposição+você*.

Apresentamos, na tabela a seguir, os resultados referentes às diferentes relações de parentesco controladas na amostra:

Parentesco	N/T	%	P.R.
<b>Pais e filhos</b>	22/44	50%	.359
<b>Avós e netos</b>	2/7	29%	1.000
<b>Irmãos</b>	21/58	30%	.079
<b>Amigos</b>	25/46	54%	.879
<b>Casais</b>	69/204	34%	.525

**Tabela 1** Relações de parentesco (valor de aplicação formas *preposição+ você*)

A análise dos pesos relativos indica um favorecimento das formas oblíquas de *você* em cartas trocadas entre amigos (.879), enquanto os contextos de missivas trocadas entre pais-filhos (.359) e irmãos (.079) mostraram-se menos favorecedores<sup>6</sup>.

A seguir há alguns dados de formas oblíquas de *você* em cartas trocadas entre amigos em diferentes momentos da diacronia analisada – (43) e (44) – e em uma missiva escrita de avô para neto (45):

(43) partindo daqui o Bernardino lhe pedi *que* o procurasse que fizesse isto e que fallasse com o Uranga etc. *muitos* dias depois chega aqui o Bernardino, diz- me *que Você* acertou *que* o Urangairia te procurar por aquelles dias, e do que se passasse me

<sup>6</sup>Desconsideramos o peso relativo 1.000 para as missivas trocadas entre avós e netos, pois acreditamos que esse indicador pode ser justificado pelo pequeno número de dados: foram 2 dados dos 7 levantados.

escreveria, até hoje não recebem carta, nem nada, tendo partido *para* lá em Fevereiro o Bernardino pedi *que* indagasse **de Você** e do Uranga (1894 – Acervo R.B.)

- (44) conto **com você** meu querido H. L. (1971 – Acervo Br.)  
 (45) Me lembro muito **de você** com muitas saudades e quando estou fazendo doce de caju estou sem me lembrando de que *você* sempre queria me ajudar e os sábados sempre faço Pão doce e me lembro de de que se *você* estivesse aqui havia me ajudar (1885 – Acervo Ot.)

Nos exemplos a seguir, há algumas ocorrências das formas do paradigma de *tu* em cartas trocadas entre casais (46); pais e filhos (47) e irmãos (48):

- (46) A dor passou graças **a ti** (1908 – Acervo R.S.)  
 (47) **De ti** depende agora aproveitares o tempo de modo a progredires espiritual e intelectualmente. (1896 – Acervo P.F.M.)  
 (48) Adeus, meu irmãozinho. Peço a São Estanislau **por ti** por teus trabalhos apostólicos. (1896 – Acervo P.F.M.)

Destacamos que o favorecimento de *preposição+você* vai ao encontro dos resultados obtidos por Souza (2012). Dessa forma, podemos reafirmar que, no *corpus* analisado, as formas oblíquas do paradigma de *você* apresentam uma estreita correlação com a posição de sujeito.

#### 4.6 O SEXO DOS MISSIVISTAS

Por fim, o sexo do remetente das cartas foi selecionado pelo programa estatístico. Na discussão dos resultados, levamos em conta alguns aspectos do *Paradoxo do Gênero* estabelecido por Labov (1990). O autor propõe, em linhas gerais, que as mulheres tendem a optar pela variante de maior prestígio social em situações de variação, enquanto impulsionam as formas inovadoras nos processos de mudança linguística.

Quando se trata da variação de formas interlocutivas como *tu* e *você*, não é tarefa simples definir quais seriam as variantes de prestígio e as formas inovadoras sem considerar o momento sociohistórico a elas associado. Para os limites desse estudo, assumimos que as formas de *tu* são consideradas como conservadoras por se tratar de um paradigma mais antigo e original de 2SG. As formas de *você* são vistas como inovadoras, visto que sua inserção no quadro de pronomes pessoais é mais recente e ocorreu após o processo de gramaticalização do tratamento distante *Vossa Mercê* (cf. MARCOTULIO, 2008). Além disso, as variantes de segunda pessoa só são associadas a um uso padrão ou não-padrão quando se considera a presença ou ausência concordância verbal canônica com o pronome sujeito *tu* (*tu falas* vs. *tu fala*). Estudos sobre o tema têm demonstrado, no entanto, que as formas inovadoras relacionadas ao paradigma de *você* podiam tanto ter valor de prestígio em cartas da elite brasileira do século XIX quanto assumirem valor negativo ou mais neutro na escrita mais doméstica da mesma época (cf. SOTO, 2001,

MARCOTULIO, 2008; RUMEU, 2008; LOPES 2009). Essa polifuncionalidade de *você* deve-se ao fato de ter herdado “valor de cortesia, formalidade, distanciamento ou indiretividade própria da expressão primitiva” (LOPES, 2005), ao mesmo tempo que foi paulatinamente ganhando espaço no trato mais íntimo como variante de *tu*, principalmente, na escrita feminina (cf. LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; 2013; SOUZA, 2012). Sendo assim, partimos da hipótese de que as formas oblíquas do paradigma de *você* serão favorecidas em missivas escritas por mulheres, uma vez que “empregar o tratamento direto ‘tu’ poderia não ser ‘tão adequado’ às figuras femininas no contexto social de fins do século XIX e início do XX” (LOPES, 2009, p.51).

Controlamos ainda o sexo dos remetentes e destinatários das cartas para observar se há diferença no comportamento quando as missivas eram trocadas entre pessoas do mesmo sexo ou não. A tabela a seguir apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores *sexo dos missivistas*:

Sexo	N/T	%	P.R.
Mulher – Mulher	13/16	81%	.739
Mulher – Homem	64/108	59%	.662
Homem – Homem	19/60	32%	.782
Homem – Mulher	45/177	25%	.281

**Tabela 2** O sexo dos missivistas (valor de aplicação formas de *preposição+você*)

Conforme era esperado, as formas de *preposição+você* apresentaram as maiores frequências em missivas escritas por mulheres nas duas situações controladas: cartas para outras mulheres (81% e .739) e para homens (59% e .662). Em missivas masculinas, os percentuais das formas de *você* foram mais baixos: 32% nas cartas trocadas entre homens e 25% naquelas escritas para mulheres.

A análise dos pesos relativos confirma o favorecimento da forma inovadora em missivas femininas (pesos de .739 e .662), mas aponta também para o seu favorecimento em cartas trocadas entre homens (.782). Apenas o contexto de remetente masculino e destinatário feminino não se mostrou favorecedor da forma inovadora (.281).

Apresentamos a seguir usos de formas oblíquas do paradigma de *você* em missivas trocadas por mulheres (49) e de mulher para homem (50) e entre homens (51):

- (49) Há realmente muito tempo que não sei **de você** (1972, Acervo F.B.)  
 (50) eu tenho lido nos jornais , esses desastres que tem havido e lembro-me sempre **de você** que é tão imprudente (1909, Acervo L.A.)  
 (51) o “Glorioso Passado”, não merece ser prefaciado **por você** (1966, Acervo Br.)

Destacamos, em (52), o uso de uma variante oblíqua pertencente ao paradigma conservador em cartas amorosas escritas de homem para mulher:

(52) Não posso dormir vivo só pensando **em ti** que possues todo o amor deste pobre apaixonado (1937 – Acervo J. e M.)

Dessa forma, confirmamos, em parte, a hipótese de que a escrita feminina favoreceu às formas inovadoras do paradigma de *você* também na função oblíqua. Aparentemente as mulheres deram impulso ao processo de mudança no sistema pronominal com a inserção da nova forma *você* que não era negativamente marcada ou desprestigiada desde as primeiras cartas oitocentistas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de cartas pessoais permitiu averiguar como se deu a variação entre as formas oblíquas de segunda pessoa do singular em fins do século XIX e durante o século XX. A análise estatística permitiu identificar relevância estatística dos fatores linguísticos e extralinguísticos pertinentes para a explicação do fenômeno durante a diacronia considerada: o tratamento empregado na carta, o tipo de núcleo predicador, a natureza da relação sintática, o período de tempo, a relação de parentesco e o gênero do missivista.

A partir dos resultados obtidos, verificamos que as formas alternantes oblíquas de 2SG pertencentes ao paradigma de *você* mostram uma forte correlação com a forma utilizada na posição de sujeito, diferentemente do que foi observado para as funções acusativas e dativas (cf. SOUZA, 2014; OLIVEIRA, 2014).

As formas de preposição +*você* foram favorecidas principalmente com núcleos nominais e verbais. Com verbos suporte e advérbios, o uso de formas do paradigma de *tu* se impôs. Ressaltamos que os verbos-suporte não foram muito expressivos com alta produtividade de *contigo* em estruturas como “ter um sonho”. Com núcleos adverbiais, houve uso praticamente categórico das variantes do paradigma de *tu*. Contudo, vale ressaltar que as construções eram extremamente similares (*longe de ti, perto de ti, junto de ti*), evidenciando que não é necessariamente o advérbio que favorece o uso do paradigma de *tu*, mas sim essas estruturas específicas encontradas nas cartas.

As variantes oblíquas do paradigma de *você* também foram favorecidas em contextos de complementação, dialogando com os resultados de Rumeu e Oliveira (2016). Em estruturas predicativas, construções como *estar com* foram mais frequentes com a forma *contigo*.

Com relação à distribuição ao longo do tempo, observamos um padrão de implementação semelhante ao postulado por Souza (2012) para posição de sujeito.

Fase 1. Predomínio de *tu* sobre *você* → Prep+*ti*

Fase 2. Coexistência entre *tu* e *você* → Prep+*ti* ~ Prep+*você*

Fase 3. Predomínio de *você* sobre *tu* → Prep+*você*

O favorecimento das formas de *você* em missivas trocadas entre amigos reitera o que fora observado em estudos anteriores (cf. SOUZA, 2012), indicando o aumento das formas de *você* em relações simétricas no decorrer do tempo, ou seja, a sua implementação

em contextos que eram do domínio de *tu* em fins do século XIX e no primeiro quartel do século XX.

As formas de preposição +*você* foram favorecidas em cartas femininas escritas tanto para outras mulheres quanto para homens. Nas cartas trocadas entre missivistas do sexo masculino, as formas do paradigma de *você* também foram favorecidas. Aparentemente as missivistas femininas impulsionaram a implementação das formas de *você* da série oblíqua e o caráter de maior distanciamento nas missivas entre homens foi favorecedor da nova forma.

Oliveira (2014) também averiguou, entre as formas dativas preposicionadas, o aumento de *a/para* *você* em detrimento de *a/para* *ti* no decorrer do tempo. Podemos, então, considerar que esta forma pronominal tônica preposicionada – *ti* – foi amplamente substituída pelo pronome *você* antecedido por preposição na escrita epistolar fluminense e que o contexto oblíquo pode ser visto como uma porta de entrada para as formas do paradigma inovador.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque de. “O que você acha do uso de tu?”: a percepção da variação dos pronomes de 2SG no dialeto carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2019

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. 2.ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013

ELSPASS, Stephan. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability

Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, p. 63-79. 2012.  
KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. *Para a história do português brasileiro*. Bahia: EDUFBA, 2006. p. 505 – 527.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change: Language Variation and Change. In: SANKOFF, D. et al. (Eds.). *Language Variations and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2 (2), p.135-156. 1990.

LOPES, Célia Regina dos Santos. ; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia . De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: Silvia Figueiredo Brandão; Maria Antónia Mota. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. I ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, v. I, p. 61-76, 2003.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: Arnaldo Cortina; Silvia Maria Gomes da Conceição Nasser. (Org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilbas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v.17, p. 47-74.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de *voce*-sujeito e retenção do clítico *te*. *Linguística* (Madrid), v.25, p.30 - 65, 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. A Reorganização no Sistema Pronominal de 2a. Pessoa na História do Português Brasileiro: Outras Relações Gramaticais. In: LOPES, C. R. dos S. *Mudança Sintática das Classes de Palavra: Perspectiva Funcionalista, História do Português Brasileiro*, Vol. 4. São Paulo: Contexto, 2018.

MACHADO, Ana Carolina Morito: *A implementação de "voce" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Letras (Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, 2006.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2011.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística. Volumes I e II*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2016

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.*. *Gramática do Português*, Vol I e II. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-Historical Linguistics: its Status and Methodology*. Cambridge University Press. New York, 1982.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, José Olympio [1972] 2005.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *A difusão do 'você' pelos contextos sintáticos de complementação e de adjunção*. Revista Portuguesa de Humanidades, v. 18-I, p. 91-114, 2014.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *A expressão da 2ª pessoa do singular em contextos de complementação e de adjunção: retratos do encaixamento estrutural e social*. *Linguística*(Madrid), v.32-2, p.25-46, 2016.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; Nívia Naves Garcia Lucca, Edilene Patrícia Andrade Dias, Carolina Queiroz e Germano Ferreira Martins. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*, Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora. Universidade de Évora, 2009.

SILVA, Thaissa Frota Teixeira de Araujo Silva. *Lembro de você; preciso de ti: uma análise diacrônica das variantes oblíquas de 2SG na escrita epistolar fluminense*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2020

SOTO, Eva Ucy Miranda Sá: *Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, Camila Duarte de. *Eu te amo, eu lbe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

WENREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

**Recebido em:** 20/12/2020

**Aprovado em:** 05/02/2021

**Publicado em:** 25/07/2021